

América do Sul dá exemplo e se une para o controle do câncer

Compartilhar experiências bem-sucedidas e também as que não lograram êxito – para a correção de métodos –, capacitar profissionais e fortalecer as instituições dedicadas às políticas públicas de controle de câncer são as principais linhas de ação da recém-criada Rede de Institutos Nacionais de Câncer (RINC), da União de Nações Sul-Americanas (Unasul).

A primeira reunião de trabalho da Rede ocorreu em julho, no Rio de Janeiro, e contou com representantes dos ministérios da Saúde, dos programas de controle de câncer e dos institutos de câncer de Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, México, Panamá, Paraguai e Uruguai. Houve também participantes da Agência Internacional de Energia Atômica, da Agência Internacional de Pesquisa em Câncer, da União Internacional para o Controle do Câncer e da Organização Pan-americana da Saúde, instituições que se comprometeram a apoiar a viabilização dos planos de trabalho da RINC.

Na reunião, foram apresentados programas e ações já em curso na esfera da cooperação entre países da região e que deverão ser os primeiros para os quais se organizarão os Grupos de Trabalho da RINC: qualidade em radioterapia, registros

de câncer hospitalar e de base populacional e banco de tumores e DNA.

“A Aliança da América Latina e Caribe para o Controle do Câncer, firmada em 2007, foi o embrião da RINC. Nessa nova Rede, vamos exercitar os mesmos conceitos e buscar os mesmos propósitos, em uma conjuntura político-institucional muito mais favorável. A responsabilização dos governos com o controle do câncer e o apoio das organizações internacionais devem inserir esse processo de trabalho em um patamar muito superior ao anterior”, resume o coordenador da nova Rede e diretor-geral do Instituto Nacional de Câncer (INCA), Luiz Antonio Santini. O Brasil – por meio do INCA – foi escolhido para sediar a primeira Secretaria Executiva da RINC e elaborar um Plano de Trabalho articulado com o Plano Quinquenal do braço da Unasul dedicado à saúde.

“A troca de experiências sobre controle e prevenção do câncer abre novos caminhos para os gestores desses países no enfrentamento da doença. O Brasil vem se destacando na política de atenção oncológica, e o INCA será um ativo participante na formação dessa rede integrada contra o câncer na América Latina”, diz Santini.



Integrantes do Grupo de Câncer de Mama na reunião de trabalho realizada em agosto, no Rio

GRUPO DE CÂNCER DE MAMA JÁ TEVE PRIMEIRA REUNIÃO

O secretário executivo da RINC, Marco Porto, estima que até o final deste ano estarão organizados quatro grupos de trabalho (GT). O GT de Controle do Câncer de Mama teve sua primeira reunião em agosto, reunindo Brasil, Argentina e Chile. O Uruguai também indicou representante para o grupo. Houve interesse específico no Programa de Qualidade em Mamografia e no Sistema de Informação do Câncer de Mama (Sismama), desenvolvido pelo INCA em parceria com o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus). No Sismama, são registradas todas as mamografias realizadas na rede pública, os exames com resultados alterados e o seguimento das mulheres que necessitam de confirmação do diagnóstico e encaminhamento para tratamento, em caso de câncer.

A coordenadora técnica para o Programa de Câncer de Mama do Instituto Nacional de Câncer da Argentina, Maria Viniegra, ficou interessada nesse sistema. Já o diretor-geral do INCA argentino, Roberto Pradier, quis saber como incorporar o simulador criado pelo físico João Emílio Peixoto, do Programa de Qualidade em Radiações Ionizantes do INCA, usado para aferir a qualidade da mamografia.

Marco Porto frisa que o controle do câncer de mama é um objetivo estratégico da RINC. “Naturalmente, o atendimento desse objetivo envolverá o

desenvolvimento sinérgico de várias linhas de ação. Os países ainda não envolvidos poderão se ligar a essas linhas ou propor outras, visando ao mesmo objetivo estratégico, sempre orientadas por suas prioridades nacionais”, explica.

Cada GT será formado para executar planos de trabalho voltados para objetivos específicos. Seu tempo de existência será definido pelo cronograma do projeto. “A dinâmica de encontros dos Grupos de Trabalho será ditada pelo tipo de objeto e método de abordagem de cada projeto. Por motivos óbvios, haverá um grande esforço para o uso de tecnologias a distância, entre elas o apoio já oferecido pelo Pró-Instituto Sulamericano de Governo em Saúde (Pró-Isa-gs) e pela Rede Universitária de Telemedicina (Rute)”, completa o secretário executivo da RINC.

De acordo com o estatuto proposto para a RINC, o Colegiado Gestor – instância político-deliberativa da Rede, formada por um responsável pela elaboração de políticas e programas de controle de câncer de cada país da Unasul – deverá se reunir, ordinariamente, uma vez ao ano e, extraordinariamente, tantas vezes quantas se fizerem necessárias. E, a cada dois anos, deliberar qual país será a sede da Secretaria Executiva no próximo biênio.

O financiamento da RINC se dará por meio dos orçamentos dos planos de trabalho. “Toda e qualquer atividade que demandar recursos deverá se organizar em um projeto, em que seus elementos sejam bastante explícitos e o acompanhamento se possa fazer com grande facilidade”, esclarece Marco Porto. ■